



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no evento de comemoração da abertura da conta CAIXA Aqui nº 1.000.000

Edifício Matriz da Caixa Econômica Federal

Brasília-DF, 12 de dezembro de 2003

Meu caro companheiro, Antonio Palocci, ministro da Fazenda,

Meu caro companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Minha querida companheira Marisa, que eu espero que logo, logo, abra uma conta na Caixa Econômica Federal para depositar,

Meus caros companheiros e companheiras, deputados e deputadas, senadores e senadoras,

Meus caros prefeitos,

O Jorge não falou, mas eu tive o prazer de inaugurar a “Sala dos Prefeitos”, e quando os prefeitos vierem a Brasília para solicitar dinheiro à Caixa não precisarão ficar andando de gabinete em gabinete de deputado, vêm direto à Caixa Econômica, onde têm a sua sala, com gente especializada para acompanhar a realidade de cada município. Aí, vocês vão conseguir pegar o dinheiro de vocês, sem precisar ficar devendo favor a ninguém, apenas os agradecimentos pelos bons serviços prestados pela Caixa Econômica Federal do nosso querido país.

Minhas senhoras e meus senhores, correntistas da Caixa Econômica Federal,

Meus amigos e minhas amigas,

Meus queridos companheiros e companheiras funcionários e funcionárias da Caixa Econômica Federal,



Antes de fazer o meu pronunciamento, quero dizer que um programa como este só pode dar certo se o corpo de funcionários da instituição que se propõe a um projeto dessa magnitude aceitar isso como uma tarefa, porque se não for assim, será muito difícil colocar um projeto destes em execução. Até porque, no Brasil, durante muitos e muitos anos, além do povo pobre não ter acesso ao sistema financeiro, em muitos setores, os próprios funcionários não estavam mais preparados para tratar com essa parcela de pessoas pobres, excluídas do Sistema Financeiro brasileiro.

Quero aqui, de coração, reiterar o agradecimento ao companheiro Jorge Mattoso, às mulheres e aos homens que dedicam boa parte da sua vida à Caixa Econômica Federal, como funcionários. Meus parabéns a vocês. E, obviamente, quero estender isso ao nosso companheiro Jorge Mattoso, porque depois que as coisas estão prontas é muito fácil as pessoas ficarem apresentando outros caminhos, mas na hora de colocar o guizo no pescoço do gato, tem sempre que haver alguém com mais coragem.

Eu me lembro de uma discussão que fizemos no meu gabinete sobre a questão dos juros e sobre a questão da inclusão bancária. E o companheiro Jorge Mattoso e o companheiro Cássio, do Banco do Brasil, assumiram a responsabilidade de dizer: “é possível fazer.”

Vocês não sabem o orgulho que eu tive quando participei daquele outro ato, quando fomos entregar a conta nº 500 mil. Não faz três meses e estamos entregando, hoje, à nossa companheira – o nome dela deve estar no fim do meu discurso - que virá aqui para receber a conta de nº 1 milhão. Hoje, é capaz de chegar alguém e perguntar para o Jorge: por que não 2 milhões? Por que não 3 milhões?

O dado concreto é que há seis meses, um ano atrás, eu duvido que tivesse no Brasil, alguém entendido de banco, que imaginasse que nós pudéssemos chegar a um milhão em tão pouco tempo e atender à diversidade de gente que nós estamos atendendo



Aqui não há pergunta sobre origem social, sobre quanto se ganha, porque o que a gente percebe no fim, é que está sendo atendido exatamente o povo que a gente queria atender e que não passava na porta do banco. Eu acho isso um fato inusitado, Jorge, e eu quero reconhecer aqui que você e outros milhares de funcionários que não estão aqui, anônimos, que a gente nem sabe onde se encontram, estão fazendo deste programa um sucesso extraordinário.

É bom lembrar que a Caixa, hoje, graças ao sistema de correspondentes bancários feito da parceria com pequenos varejistas de todo o interior brasileiro, está presente, como disse o Jorge, em mais de 5,5 mil municípios deste país.

Não faz muito tempo eu fui à Caixa, em várias cidades do interior do Brasil, em campanha, e era comum, às vezes, um trabalhador ter que viajar quilômetros, durante horas, para receber alguma coisa ou para abrir uma conta bancária.

O fato da Caixa Econômica Federal ter feito os acordos de parcerias e estar presente em todos os lugares demonstra que as pessoas mais pobres deste país serão tratadas com dignidade também pelo Sistema Financeiro brasileiro. E isso facilita, amplifica e acelera a execução de programas sociais diretamente ligados às comunidades.

As pessoas, como todos sabem, vivem em locais concretos, vivem nos municípios, nos bairros, nas vilas, não vivem todos aqui em Brasília ou no centro das capitais. Portanto, a ação do governo tem que se fazer sentir exatamente aí. E para isso é preciso ampliar a capilaridade da democracia e dos instrumentos de política econômica.

Este evento fecha com chave de ouro o trabalho da Caixa em 2003.

Eu quero ressaltar uma coisa importante. Em fevereiro, tivemos uma reunião com dois mil prefeitos ou mais num hotel aqui em Brasília. Naquele tempo, eu anunciei que nós iríamos liberar 1 bilhão e 400 milhões para



saneamento básico. Passados alguns dias, eu vi uma matéria no jornal dizendo que esse era um dinheiro que todo mundo anunciava e nunca liberava, que nós estávamos proibidos de liberar esse dinheiro por conta do superávit. O dado concreto é que nós vamos terminar o ano, meu caro Marcelo Deda, liberando a totalidade desse dinheiro, contra 262 milhões que foram liberados no ano passado.

Isso é extremamente importante porque a gente não fica chorando o que não tem. A gente não fica chorando pelo ideal, a gente tenta fazer aquilo que é possível, dentro das nossas limitações. Além de fechar com chave de ouro o ano de 2003, esse trabalho da Caixa deve servir de exemplo para outras instituições financeiras, em outros países da América do Sul. Não apenas por antecipar em um mês a meta de estender a um milhão de brasileiros, antes sem acesso a banco, a sua primeira conta corrente, mas também porque reforça o eixo prioritário das políticas públicas deste governo, que é acelerar a inclusão social.

Sabemos que a construção de uma verdadeira República democrática é um desafio em aberto em nossa sociedade. Boa parte da história brasileira é a história de acertos privados feitos à margem do interesse público. Foi assim que se cristalizou uma hierarquia social rigidamente estruturada, que elitizou os instrumentos de política econômica e estreitou a margem de ação do Estado. Essa hierarquia produziu uma das sociedades mais desiguais do Planeta que nós, juntos, estamos tratando de corrigir.

A noção de direitos republicanos sempre teve enorme dificuldade para vencer essa muralha que se reforça pela dinâmica do privilégio, não da igualdade. E a exclusão bancária é uma das facetas desse desequilíbrio histórico.

Mudar o Brasil, portanto, transformando-o numa República de iguais requer, entre outras providências, a democratização do acesso ao crédito. E o



primeiro passo para isso é incorporar milhões de cidadãos e cidadãs que sequer têm conta bancária.

Trata-se da popularização do mercado e da massificação do crédito a custos baixos, o oposto do que tem sido a lógica vigente, feita de clientela elitizada e lucro cativo gerado pelo endividamento público. Esse círculo vicioso não poderia ser superado do dia para a noite, era preciso um esforço concentrado para revertê-lo. Foi para isso que tomamos as medidas necessárias, duras e que exigiram sacrifícios neste nosso primeiro ano de governo, para termos condições agora de reduzir as taxas de juros, como já estamos fazendo de forma significativa e persistente, levando as instituições financeiras a fazerem o mesmo.

Minhas amigas e meus amigos,

Esse é o papel insubstituível do Estado num país em construção: sinalizar rumos pavimentar caminhos e descortinar o horizonte do interesse coletivo. A maciça democratização do acesso bancário promovida pela Caixa e pelo Banco do Brasil exemplificam esse papel precursor.

Há pouco mais de três meses comemoramos, aqui, na Caixa, a conta nº 500 mil e deslocamos o desafio para um novo patamar: dobrar o número de correntistas até o final do ano. Ainda não chegamos ao final do ano e isso já foi feito. Abrimos mais meio milhão de contas simplificadas em um trimestre e, o melhor de tudo, 83% dos seus titulares têm renda até R\$ 500,00.

São brasileiros e brasileiras humildes, dignos, trabalhadores. Homens, mulheres, jovens em grande maioria, como a detentora da conta um milhão, a nossa – falei que o nome estava no meio aqui – querida Jacirene, injustamente apartados do acesso ao crédito até hoje.

O sucesso da Conta Caixa Aqui quebra o preconceito que existia em relação a essa parcela do país formada, na verdade, pela maioria da população. A adesão maciça à conta simplificada desmente a suposta falta de interesse.



As estatísticas estão aí para provar: o menor risco do mercado é o pobre. Ele deixa de comprar, se for preciso, para saldar um débito antigo. Até outubro deste ano, 73% das pessoas que tinham conta em atraso quitaram suas dívidas, uma taxa superior aos 50% de 2002 e quase o dobro da média dos anos anteriores. Por isso, nossa meta é oferecer essa oportunidade a milhões desses brasileiros até o final do meu mandato.

Eu não vou citar o número aqui, de 13 milhões, porque fica sempre a marca, se vai ser possível cumprir ou não, porque podemos chegar a 14 ou a 12 milhões. O que importa é que, neste país, as pessoas deixaram de passar na porta do banco como se fossem estranhos, como se aquilo não tivesse nada a ver com eles. E essa é a idéia geral, que a gente possa abrir o maior número de contas possível a cada ano. Quem sabe no próximo ano a gente esteja aqui, comemorando muito mais do que o novo milhão de contas.

Alcançado esse objetivo, toda população economicamente ativa das cidades brasileiras terá conquistado um acesso para obter empréstimos, movimentar recursos e ampliar seu leque de oportunidades.

Não podemos nos esquecer, ainda, que mais de 10 milhões de brasileiros que hoje vivem abaixo da linha da pobreza passarão também a ter acesso aos serviços bancários, através de cartões magnéticos como o do Bolsa Família.

É importante lembrar que só a unificação dos programas sociais deu uma economia ao governo de mais de 200 milhões de reais, o que significa que a gente vai ter, então, um pouquinho mais para beneficiar mais gente com um programa de política social.

Sabemos que não é a ferramenta que faz a política. Mas sem ela nenhuma idéia sai da teoria e chega à prática. Portanto, estamos diante de um cenário verdadeiramente inovador para 2004. Trata-se de uma combinação inédita na história econômica recente do nosso país: uma política monetária de juros declinantes e sem retrocesso; um ambiente de estabilidade de preços; um



avanço sustentável no comércio exterior; e uma estratégia vigorosa de massificação e expansão do crédito popular.

O horizonte internacional também é favorável, mas não se trata apenas de uma convergência fortuita. Trabalhamos metodicamente para isso. E digo, aqui, ao nosso querido companheiro Palocci, que se não fosse a paciência de um médico que trata com carinho de um doente enfermo de gravidade, talvez a gente não estivesse aqui, agora, festejando com a tranqüilidade que estamos festejando. Isso aqui é – eu comparo sempre ao futebol – como um time que estava com medo de perder o jogo, entrou, marcou um, marcou dois gols, e agora o técnico pode dizer: vamos para o ataque agora que dá para a gente fazer mais e, quem sabe, até golear os adversários. Como disse o companheiro Jorge Mattoso, essa engrenagem poderosa apenas começa a girar.

Só a Caixa tem 199 mil pequenos empréstimos pré-aprovados que somam mais de R\$ 40 milhões de reais. Trata-se de um crédito concedido quando a conta simplificada completa três meses. Portanto, o que estamos vendo é a maturação da primeira leva de novos correntistas, razão pela qual o número de créditos pré-aprovados deve crescer continuamente a partir de agora.

O crédito para o consumo é uma alavanca indutora do investimento, que multiplica o emprego, expande a renda e gera nova poupança para realimentar a cadeia sustentável da economia. Por isso a inclusão bancária tem que seguir na frente. Mas não só por isso. A verdade é que a exclusão financeira é também uma das responsáveis pelo agravamento da distribuição de renda.

O fosso entre ricos e pobres no Brasil é maior do que revelam as estatísticas. Elas não contabilizam a fatia importante da renda literalmente sugada pelas prestações escandalosas e crediários abusivos a que o povo pobre é submetido. É isso que estamos mudando: o recurso financeiro deve servir à produção e ao consumo de massa.



Meus companheiros e minhas companheiras,

Caminhamos para o desenvolvimento com justiça social, baseado na expansão do comércio exterior, no alargamento cada vez maior do consumo popular, no investimento em saneamento e habitação para as camadas mais pobres e no avanço da infra-estrutura brasileira.

Eu não poderia deixar de dizer ao meu companheiro Jorge Mattoso, aos funcionários e funcionárias da Caixa, à toda a Direção da Caixa Econômica Federal e para aqueles que são pessimistas, que se levantam todo dia sem esperança e sem credibilidade em si próprios, eu quero dizer: meus parabéns à Caixa Econômica Federal, porque ela é um exemplo de gente que pensa positivo e pensa para a frente. Se a Caixa pode fazer esse milagre, certamente, o Brasil poderá fazer muito mais.

Meus parabéns por esse sucesso extraordinário, meu companheiro Jorge Mattoso.

/rss